

ARTE E PATRIMÔNIO CULTURAL: desenvolvendo a atenção para uma educação de qualidade ODS 4

Claudia Carvalho Gaspar Cimino (Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS)
Juliana Marcondes Bussolotti (Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS/Unitau)

Resumo

Este estudo tem como foco investigar a aplicação de novas metodologias de ensino, com destaque para a utilização da arte como ferramenta pedagógica e sua integração com a educação patrimonial. A proposta é analisar como práticas que articulam os saberes locais dos alunos em seus contextos socioculturais, junto aos conteúdos formais, podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. A ideia parte da concepção de que a relação entre a arte e o patrimônio cultural pode impulsionar o desenvolvimento da atenção e da criatividade, desempenhando um papel significativo na promoção da inclusão e na celebração da diversidade. O objetivo principal é verificar como a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que envolve fruição estética, contextualização e prática artística, pode ser aplicada para fortalecer o desenvolvimento dos alunos. A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa teórico-bibliográfica envolvendo a análise de produções artísticas de estudantes e a documentação de todo o processo pedagógico. Os resultados indicam que a conexão entre os saberes culturais dos alunos e a prática artística favorece a compreensão do patrimônio cultural, proporcionando maior integração entre teoria e prática, com um consequente aumento na qualidade educacional. Concluiu-se que essa metodologia promove um aprendizado mais dinâmico e participativo, incentivando o protagonismo dos alunos e o diálogo entre suas vivências e os conteúdos escolares. Propicia o autoconhecimento, a valorização da identidade e a integração, auxiliando na compreensão e identificação pessoal do aluno como participante e formador de um grupo social. A pesquisa também destacou a importância da formação continuada dos professores para a implementação eficaz dessas práticas.

Palavras-chave: Arte; Atenção; Educação; Patrimônio Cultural.

Introdução

A arte é fundamental para a nossa vida, pois está diretamente ligada à criação de símbolos e à construção ou reconstrução de significados. Ela reforça nossa identidade e nos permite conectar a aprendizagem ao vasto universo de conhecimentos, experiências e vivências. Além disso, a arte, como um espaço

criativo, estimula o desenvolvimento da percepção individual e coletiva, criando oportunidades para a ressignificação de valores e para a inserção pessoal, social e cultural no mundo ao nosso redor. Em última análise, "nós somos o que 'fazemos', como vivemos e o que deixamos como nossa marca pela passagem no universo" (Gaspar, 2012, p. 13).

Os entrelaçamentos entre os temas que são priorizados nesse artigo buscam reforçar a ideia de que somos seres construídos por nossa vivência cotidiana. Nossa bagagem cultural e as memórias individuais e coletivas fazem parte da nossa história de vida, que se traduz nas criações artísticas e expressões pessoais. A arte é uma das principais formas de expressão da cultura humana e com ela, as pessoas podem compartilhar suas histórias, experiências e perspectivas de mundo, criando conexões entre diferentes grupos e promovendo o entendimento mútuo.

Esse estudo busca fazer uma reflexão sobre a interseção entre arte e patrimônio cultural, abordando formas de valorização pessoal e cultural, desenvolvimento da atenção e criatividade. É uma revisão sistemática da literatura trazida a partir das reflexões aqui apresentadas e de como elas se relacionam ao tema que venho desenvolvendo na pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade na Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. De certa forma, trata-se de uma continuação dos estudos vivenciados durante as pesquisas desenvolvidas na especialização em Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e no Mestrado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

A pesquisa parte da concepção de que a relação entre a arte e o patrimônio cultural pode tornar-se um importante ponto de partida para o desenvolvimento da atenção e da criatividade, desempenhando um papel significativo na promoção da inclusão e na celebração da diversidade.

Quando nos percebemos como sujeitos históricos, participantes do processo de construção, tanto da nossa história individual quanto da história coletiva, percebemos também a importância de vivências passadas e o entendimento dessas mesmas experiências para nosso próprio conhecimento e postura diante das situações. A arte pode trabalhar conceitos e reflexões, levando-nos a ter novas visões de mundo, por isso ela é fundamental à vida.

O ser humano define sua própria história e, através de suas escolhas, também ressignifica conceitos pré-existentes e transforma condições sociais e culturais.

Conexões entre arte, educação e patrimônio cultural

A relação entre o patrimônio cultural e o ensino de artes visuais vem reforçar a visão da arte como área de conhecimento, pois quando temos a possibilidade de conhecer nosso patrimônio, quando nos tornamos mais próximos da nossa própria história, temos maior consciência de nossa identidade e do cuidado que devemos ter com a preservação dos bens naturais, materiais e imateriais que constituem este mesmo patrimônio.

Ao reconhecer que o que é público também faz parte da história individual de cada pessoa, torna-se mais clara a compreensão do pertencimento ao grupo social e a importância de preservar os elementos que constituem nossa história. Nesse sentido, práticas educacionais que conectam os saberes locais dos alunos com os conhecimentos formais da educação básica podem proporcionar uma experiência multidisciplinar enriquecedora. De acordo com Russi, Bezerra, Pardal e Alencar (2011), a educação para o patrimônio não deve ser apenas mais um conteúdo ou atividade isolada, mas deve servir para ampliar a percepção dos educandos sobre o patrimônio cultural, promovendo uma visão mais integrada e crítica sobre o tema.

Segundo a Constituição Federal Brasileira (1988, art. 216), entende-se por patrimônio cultural “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988), onde estão incluídos, entre outros, “as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver” e todas as manifestações artístico-culturais, “criações científicas, artísticas e tecnológicas”. Assim, patrimônio cultural refere-se ao conjunto de bens materiais e imateriais que são considerados de valor cultural para uma sociedade, podendo incluir monumentos históricos, tradições, práticas culturais, artefatos, e até mesmo línguas e dialetos. Preservar e promover o patrimônio cultural é essencial para manter viva a identidade e a história de um povo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, a LDB 9304/96, a arte e a cultura passaram a ser vistos como

fatores determinantes no ensino formal, promovendo o desenvolvimento cultural dos alunos, o acesso à experimentação e à pluralidade.

Entre os objetivos gerais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) para o ensino fundamental podemos citar: o conhecimento e a valorização da pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, posicionando-se contra qualquer tipo de discriminação; a contribuição para a melhoria do meio ambiente e a percepção como ser integrante, dependente e agente transformador do mesmo; o desenvolvimento do conhecimento de si mesmo, buscando a inserção pessoal e o exercício da cidadania; a utilização das diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produção, expressão e comunicação de ideias na interpretação e fruição dos diferentes produtos culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais expressam também, especificamente, no que se refere ao ensino de arte:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (Brasil, 1997, p. 19).

Assim, o trabalho proposto em arte envolvendo a temática do patrimônio cultural e da educação, busca uma metodologia “centrada no ensino que utiliza o patrimônio cultural e seus bens como artifício pedagógico e fonte primária de instrução” (Antônio, 2012, p. 19).

Percebendo a arte como fato histórico que tem seu contexto inserido nas diversas culturas, o trabalho procura incentivar o conhecimento de que todo patrimônio reconhecido como tal pela comunidade (ou por parte dela), reflete uma escolha temporal consolidada através da memória social. E essa escolha será sempre relacionada ao valor artístico, estético e histórico que foi atribuído a esse produto cultural.

Carolina Antônio (2012) argumenta que o ensino da arte, aliado à educação patrimonial, facilita o acesso às obras de arte tanto em sua dimensão artística quanto em seu contexto cultural. Esse processo favorece o entendimento sobre memória e patrimônio, permitindo a decodificação dos bens culturais e tornando-se uma

ferramenta essencial para a experiência da cidadania. Assim, a investigação e valorização do patrimônio são incentivadas, contribuindo para sua preservação e salvaguarda.

A utilização de temas relacionados ao patrimônio cultural no ensino de arte propicia o autoconhecimento, a valorização da identidade e a integração social. Auxilia na compreensão e identificação pessoal do aluno como participante e formador de um grupo social.

Nesse sentido, o trabalho ressalta também as reflexões de Ecléa Bosi, Violette Morin, Maurice Halbwachs e Michael Pollak e suas contribuições teóricas sobre temas como memória individual e coletiva, história, identidade e memória social.

Ecléa Bosi (1994) e Violette Morin (1969) trazem questões fundamentais sobre a memória, lembranças e referenciais pessoais em relação aos aspectos da vida cotidiana. A importância que inserimos em objetos, imagens, móveis e/ou lugares, que fazem parte de nossa vida e se constituem como referências pessoais de identificação.

Em “Os espaços da memória”, Bosi (1994) ressalta que a casa materna é como “o centro geométrico do mundo”, referenciando-a como ponto inicial para a percepção do bairro e da cidade, que “cresce a partir dela, em todas as direções”. Para a autora, este é o espaço da primeira infância, que pode incluir dentro e fora da casa, o quintal, um pedaço da rua ou o próprio bairro.

Segundo Ecléa Bosi, a memória é formada por afetos, sons, móveis, objetos, cantos que ajudam a reviver as lembranças. Os objetos representam uma experiência vivida. A autora reforça que estes são os que Violette Morin denominou “objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida” (Morin, 1969, p. 133). Diferente dos objetos protocolares, que são objetos de consumo, valorizados pela moda e que se deterioram, os “objetos biográficos” permanecem guardados e são insubstituíveis.

O espaço onde vivemos “há de contar um pouco do que fomos, porque as coisas que modelamos durante anos tomaram algo do que fomos” (Bosi, 1994. p. 443). A casa, o bairro, as ruas, o trajeto para a escola ou alguns dos pontos da cidade podem significar a representação de um mapa afetivo da própria cidade. Os detalhes chamam a atenção e a mudança ou a perda pode significar um provável esquecimento, pois “as lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (Bosi, 1994. p. 439).

Esta percepção, demonstrada por Bosi, é fundamental para entender a formação de nossa identidade e tomar conhecimento de nossa posição no mundo. As lembranças individuais encontram reforço na memória coletiva. No que se refere aos espaços públicos, somente o grupo pode resistir e mudar o curso das transformações, evitando perdas em locais significativos dos bairros e da própria cidade.

Maurice Halbwachs (2004) e Michael Pollak (1992) apresentam reflexões e contribuições sobre memória individual e coletiva. O processo de formação de memória e sua constituição como memória social e formação da história. Os autores nos mostram como e porque a história oral, ou as histórias de vida, são importantes na construção da memória social e na manutenção desta mesma história e identidade social.

Percepções sobre arte e docência estética

Segundo Gullar (1993), a obra de arte se encontra tanto dentro quanto fora de nós, criando uma conexão entre o nosso interior e o mundo exterior. O que a torna especial é o fato de ser um objeto novo que o ser humano acrescenta ao mundo material, com o objetivo de torná-lo mais humano. Diferentemente da ciência e da filosofia, que buscam explicações sobre o mundo, a arte não tem esse propósito. Em vez de fornecer explicações, a arte nos convida a conviver com o mistério do mundo, transformando sua estranheza em fascínio.

O fazer em arte está vinculado ao aprender/ensinar arte. É uma ação processual, que envolve etapas que não são ordenadas linearmente, nem têm posições específicas, mas que se conectam entre si. O artista criador é, ao mesmo tempo, professor e aprendiz. Ao ensinar, também aprende e repensa sua percepção em relação ao próprio trabalho e à própria vida. E, especialmente, torna-se capaz de despertar em seus alunos um olhar crítico. Capaz de tornar clara a percepção de que a arte não é um simples fazer, mas um fazer que tem a capacidade de interferir no modo de pensar, que propõe perguntas e respostas e que, muitas vezes, pode ter um significado além do próprio fazer. Significado este que é fundamental na construção do ser cultural.

O professor/artista, neste sentido, torna-se um propositor, que munido dos conhecimentos e das técnicas artísticas, irá propiciar aos alunos uma série de

questionamentos, muitas vezes sem respostas imediatas, mas que os instigam na criação de suas próprias reflexões e vivências estéticas.

Nas palavras de Sueli Lima:

A contribuição que o arte-educador tem a dar hoje para a educação está no âmbito da liberdade de interrogar o mundo, na inovação. É ensinar o aluno a pensar o mundo livremente, e voltando ao Paulo Freire, incorporar o pensamento de que as coisas não são, as coisas estão sendo e isso tem tudo a ver com a arte. O professor precisa pensar ensinar como mediar porque como mediador o professor não é o detentor do conhecimento e o aluno não é alguém que não sabe nada. O professor se contamina do que o aluno traz e o aluno se contamina do que o professor traz. O professor tem que conhecer aquele universo que é o do aluno (Lima, 2011, p. 196).

A arte contemporânea, nesse sentido, veio inovar o conceito de arte e de docência estética, conforme elucida Beá Meira:

Uma coisa muito importante da arte contemporânea é que essa diferença entre o professor e o artista desaparece. É muito importante pensar isso para nós como professores. Entendermos o ensino como arte e a arte como ensino, porque isso é arte contemporânea (Meira, 2011, p. 57).

O valor e o sentido da arte contemporânea se traduzem na relação que o espectador estabelece com a obra e não na própria obra. Existe uma relação de questionamento/aprendizagem que se instaura no contato deste com a mesma e, em muitos casos, ele, o espectador, participa ativamente da construção da obra, definindo o resultado final através de um diálogo único que se forma a cada contato com o público.

Esta concepção torna-se muito próxima do ensino de arte pautado na proposta de educação estética utilizada neste trabalho, que tem como base a Abordagem Triangular sistematizada pela arte educadora Ana Mae Barbosa e que busca a valorização dos três eixos no ensino da arte: a prática, a vivência e a contextualização artística.

De acordo com Maria Christina Rizzi:

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das quatro ações decorrentes: decodificar, experimentar, refletir e informar (Rizzi, 2008, p. 345).

O processo ensino-aprendizagem acontece de forma sequencial, em um desenvolvimento que mantém uma continuidade, no qual o aluno realiza produções artísticas, experimenta diferentes leituras das obras e consegue exercitar a contextualização desta vivência estética.

Esta sequência, porém, não tem que seguir uma ordem específica. As três ações básicas podem ser combinadas aleatoriamente, culminando em diferentes possibilidades de criação metodológica para o ensino de arte.

De acordo com Mirian Celeste Martins (2009), a linguagem da arte envolve criação, construção e invenção, por meio das quais o ser humano transforma a matéria da natureza e da cultura em algo significativo. Nesse processo, sons, gestos e cores são organizados intencionalmente, de maneira semelhante a um jogo de construção ou quebra-cabeça, onde se busca a forma ideal.

Martins ressalta que, embora seja comparado a um jogo, a diferença está no fato de que as regras são criadas durante o processo, por quem está envolvido na criação artística. Toda produção no campo da arte passa por caminhos de formação e transformação, buscando uma reflexão estética que envolve a subjetividade do olhar criativo, a percepção/recepção individual ou coletiva dos observadores (que também se constitui de visões subjetivas e/ou culturais) e a intercomunicação com outras áreas do conhecimento.

A importância da utilização de temas relacionados ao patrimônio cultural no ensino de artes visuais é evidente, visto que o conhecimento do assunto pelo aluno tende a gerar aspectos positivos quanto à sua postura enquanto ser criativo e social. Ao conhecer, respeitar e valorizar as diversas representações de patrimônio, tanto naturais, quanto materiais e imateriais, especialmente os mais próximos de sua realidade pessoal, o aluno aprimora o espírito de pertencimento, de cuidado e preservação, além da valorização pessoal e da cultura local e/ou universal.

Decorrente disso, a relação entre o ensino de arte e o patrimônio cultural pode tornar-se um importante ponto de partida para uma educação inclusiva, unindo afetividades, histórias e memórias para o desenvolvimento da atenção e da criatividade.

O uso de temas relacionados ao patrimônio cultural local no ensino de arte tende a gerar um reconhecimento por parte dos alunos em relação à sua própria produção artística, incentivando a criatividade para o desenvolvimento desta produção de forma

pessoal e coletiva e desenvolvendo o olhar crítico em relação às produções artísticas e culturais.

Nesse processo, existe também a construção e a formação da consciência em relação à preservação do patrimônio cultural e a divulgação dos bens que compõem o patrimônio cultural local e o conhecimento dos bens do Patrimônio Cultural Brasileiro que estão incluídos na lista de Patrimônio Cultural da Humanidade. Esta discussão deve levar ao desenvolvimento de reflexões sobre o reconhecimento e o valor destes mesmos bens materiais, imateriais e simbólicos existentes nas diversas manifestações artísticas ou presentes nos diferentes saberes estéticos e culturais.

A atenção para uma educação de qualidade

Nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (2018) em relação ao ensino de arte, percebemos que existe a proposição para uma abordagem das linguagens de forma a articular as “seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão” (Brasil, 2018). Uma dessas dimensões, a fruição, caracteriza-se pela manutenção de um olhar atento e investigativo, que simboliza a busca de referências e que se reporta a um estado de sensibilidade do sujeito em participações artísticas e culturais.

Por isso, torna-se relevante ampliar o conhecimento sobre a importância do exercício da atenção na educação, especialmente no ensino da arte, que através da emoção e da fruição é capaz de potencializar o desenvolvimento afetivo e cognitivo do aluno, tornando a educação mais criativa e inclusiva.

Na visão da artista plástica Fayga Ostrower (1920-2001):

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, desse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (Ostrower, 2007, p. 9).

Existem ainda contribuições de diversas pesquisas sobre o tema e suas interfaces, como o desenvolvimento da criatividade, percepção e aprendizagem, tanto no campo da filosofia e da psicologia quanto das ciências, cada uma delas dentro de suas

especificidades. Por isso, é preciso conhecer e considerar esses estudos a fim de verificar em que ponto eles se aproximam ou divergem em relação a esta pesquisa. Com relação aos estudos científicos e à importância da neurociência no processo educacional, explicita Guerra:

O trabalho do educador pode ser mais significativo e eficiente se ele conhece o funcionamento cerebral, o que lhe possibilita desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas. Contribuem para o cotidiano do educador: conhecer a organização e as funções do cérebro, os períodos receptivos, os mecanismos da linguagem, da atenção e da memória, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as potencialidades e as limitações do Sistema Nervoso, as dificuldades para aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas (Guerra, 2011, p.4).

Podemos citar, entre algumas das pesquisas, as realizadas pelo educador e psicólogo Howard Gardner (1943-) sobre as a Teoria das Inteligências Múltiplas; e também sobre as Teorias de Desenvolvimento Cognitivo defendidas por Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), nas quais Piaget privilegia a maturação biológica e a adaptação, defendendo a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo com base na “Epistemologia genética” e Vygotski privilegia o ambiente social, defendendo a Teoria Sociointeracionista, relacionada à dimensão social do desenvolvimento humano.

Sabemos que, à luz da ciência e do processo de comunicação realizado pelo sistema nervoso central e periférico, torna-se importante entender melhor o funcionamento do cérebro no desenvolvimento humano, seu amadurecimento ao longo da vida e a importância dos estímulos para que os neurônios possam captar a comunicação. As sinapses realizadas de forma permanente pelos neurônios no Sistema Nervoso Central representam as modificações cerebrais que traduzem o desenvolvimento e amadurecimento relacionados às aprendizagens.

Os conhecimentos prévios irão sempre intervir nessa comunicação e a plasticidade cerebral refere-se a essa capacidade que o cérebro tem de mudar ao longo da vida, adaptando-se a partir de estímulos internos e externos. Essa habilidade para modificar a organização estrutural e funcional em resposta às experiências do cérebro humano é o que nos torna únicos e especialistas em algo.

Por isso, na visão científica, ressalta-se a importância de um ambiente enriquecido e da estimulação cerebral ao longo de toda a vida, principalmente nos períodos críticos, em que os sistemas neurais estão mais aptos e têm maior facilidade de aprendizagem.

A retirada da estimulação necessária para o desenvolvimento de determinada capacidade resulta no inadequado desenvolvimento do sistema nervoso.

Assim, a atenção, o foco e a repetição são muito importantes no processo de aprendizagem e na construção da memória, bem como os estímulos sensoriais, incluindo o uso de materiais diferenciados e lúdicos na educação, que contribuem para chamar a atenção para uma aprendizagem significativa.

A utilização de estratégias para despertar a atenção torna-se fundamental para garantir uma educação ampla e inclusiva. Como já foi salientado é sempre válido envolver os sentimentos para aprender, pois a emoção é o que nos move. No mundo atual tendemos a ser multitarefas, mas, nem sempre conseguimos realmente prestar atenção ao que estamos fazendo. Por isso, o exercício da atenção e do olhar favorecem a observação e a percepção de detalhes não absorvidos anteriormente, assim como a repetição, demonstrando que é uma das formas de ampliar as possibilidades de aprendizagem e apreensão de conhecimento.

Nesse sentido, pensar sobre o exercício da atenção e da criatividade no ensino de artes se configura como possibilidade de acesso a uma educação inclusiva, valorizando a diversidade e ampliando a possibilidade de igualdade para todos, através da equidade.

Luka Gusmão e Tarcísio Pinto (2019) observam que muitos professores frequentemente atribuem as dificuldades de aprendizagem dos estudantes à falta de atenção durante as atividades pedagógicas. Para esses educadores, parece haver um consenso de que, para assimilar adequadamente os conteúdos, os alunos precisam manter sua atenção focada nos objetos de conhecimento transmitidos em sala de aula. Nesse contexto, a memorização e a reprodução das informações são vistas como os principais indicadores de que os estudantes estiveram realmente atentos, refletindo uma concepção tradicional de aprendizagem escolar.

Sobre esse senso comum, quando associado às dificuldades de atenção e de hiperatividade em relação ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), existem indicações de que normalmente:

É no contexto escolar que a inquietude e a impulsividade são interpretadas como falta de disciplina e a desatenção como negligência, apesar de tais comportamentos serem mais relacionados a uma disfunção no desenvolvimento neurológico (Jou et al., 2010, p. 30).

Nos apontamentos finais de seu estudo, Jou *et al.* (2010) analisam as sugestões de Rohde *et al.* (2006) sobre as melhores abordagens didáticas e tratamentos para crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em sala de aula. Entre essas recomendações estão: explicar claramente o objetivo de cada tarefa, manter uma rotina diária com intervalos definidos, reforçar as regras de forma visual e auditiva, dividir as atividades em partes menores, ensinar a captar a ideia principal e a monitorar as próprias atividades.

A análise dessas sugestões leva à conclusão de que essas medidas beneficiariam todos os estudantes inseridos na sociedade da informação. Além disso, a atenção voltada à aprendizagem de crianças com TDAH pode desencadear uma mudança no paradigma educacional, como defendido por diversos teóricos, onde as crianças aprenderiam a gerenciar sua própria aprendizagem e a lidar com a natureza transitória do conhecimento.

Assim, ao falarmos em educação inclusiva estamos nos referindo aqui a uma educação para todos, e não a uma educação especial (isto é, para alunos com TDAH ou necessidades especiais). Uma educação inclusiva deve ser pensada em relação a todos os tipos de inclusão: etária, econômica, deficiência, racial, etc., buscando atingir a diversidade que existe em todos nós. Como desdobramento, a aprendizagem desse exercício em relação à atenção pode contribuir para a criatividade e a inclusão de todos, não só na educação de uma forma geral, mas também no que se refere à própria vida.

Portanto, como fundamentos teóricos relacionados a esta pesquisa, serão bem-vindas contribuições de pesquisadores e teorias existentes sobre o tema em áreas que possam interagir com as reflexões em relação ao ensino de arte, tendo como foco a atenção e o patrimônio cultural e sua importância em relação à melhoria da qualidade da educação.

Discussão metodológica e resultados

A partir de conceitos e relações pré-existentes envolvendo a temática do patrimônio cultural e da educação, busca-se definir uma metodologia para o ensino da arte com foco na utilização de bens que constituem o patrimônio cultural local

como suporte pedagógico e fonte primária de instrução, possibilitando o contato pessoal, visitação e vivência estética dos alunos em relação a estes mesmos bens.

Considerações finais

Os pressupostos iniciais que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa abriram caminhos e novas possibilidades ampliando o tema de estudo. O aprofundamento do conhecimento sobre o ensino de arte, assim como o desenvolvimento da atenção e da criatividade, principalmente relacionados ao patrimônio cultural podem trazer resultados satisfatórios em termos de docência artística e consequente aumento da qualidade educacional.

No processo de criação, o envolvimento mútuo professor/aluno e a associação das vivências cotidianas, assim como a contextualização histórico-temporal dos temas relativos ao patrimônio cultural evidenciados no ensino de artes visuais, contribuem para a construção da identidade do aluno, instigando também para que exista uma reflexão em relação às imagens no mundo atual.

As conexões entre arte, docência e patrimônio cultural, neste sentido, também favorecem uma nova aprendizagem no que se refere à construção de diferentes sentidos e olhares em relação à criação em artes.

No ensino de arte, novas construções imagéticas sobre o patrimônio cultural podem e devem sempre existir, a fim de criar novos caminhos e imagens artísticas ressaltando o patrimônio cultural e contribuindo para uma educação de qualidade.

Referências

ANTÔNIO, Carolina Maria Silva. **Educação Patrimonial**: O Ensino de Artes Visuais através da Arquitetura Histórica do Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade de Brasília. Instituto de Artes. Departamento de Artes Visuais, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 9 set. 2019.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 27 set. 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 27 set. 2014.

FRONER, Yacy-ara. Pesquisa em/sobre ensino de artes visuais. Vol. 1. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. **Curso de especialização em ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

GASPAR, Claudia. Reflexões sobre a Arte no Contexto Educativo. **Cadernos para o Professor** (Juiz de Fora), Prefeitura de Juiz de Fora, v. 1, 2012, p. 11-13.

GOUTHIER, Juliana. História do Ensino da Arte no Brasil. Vol. 1. EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. **Curso de especialização em ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

GUERRA, L. B. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, jun. 2011.

GUSMÃO, Luka Carvalho; PINTO, Tarcísio Jorge Santos. Notas sobre atenção e educação. In: 39ª Reunião da ANPED, 2019, Niterói - RJ. **Anais** da 39ª Reunião da ANPED, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOU, G. I.; AMARAL, B.; PAVAN, C. R.; SCHAEFER, L. S.; ZIMMER, M. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: Um Olhar no Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 1, p. 29-36, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/prc>. Acesso em: 24 fev. 2021.

MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e prática do ensino de arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.

MORIN, Violette. **L'objet biographique**. Communications, v. 13, p. 131-139, 1969.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios. APL/EBA/UFMG. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. **Curso de especialização em ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, Rio de Janeiro, 1992.

RUSSI, Adriana et al. Alguns apontamentos sobre a educação para o patrimônio. In: Mesa Redonda Patrimônio Cultural: Diálogos Entre a Arte e a Educação. **XXI Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil**, São Luiz do Maranhão, 2011. Disponível em:
<http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/patrimonio-cultural-dialogos-entre-a-arte-e-a-educacao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.